Acervo ISA

Documentação SOCIOAMBIENTAL
Fonte OESP
Data 11/6/96 Pg 9-20
Class. Povo 174

BAHIA

Vidal Cavalcante/AE

Museu relembra descobrimento

Intelectualidade baiana e Fundação Quadrilátero conseguem assinatura de decreto que cria um museu com 1,2 mil quilômetros quadrados, onde estão os marcos avistados pelos portugueses em 1500

JOTABÊ MEDEIROS

PORTO SEGURO — O chique agora não é dizer: "Vou passar uns dias em Porto Seguro para pegar um sol". Descolado que é descolado agora diz: "Acho que vou à Bahia fazer uma visitinha ao Museu Aberto do Descobrimento". O que, tirando o pedantismo, é praticamente a mesma coisa.

A diferença é que o Museu Aberto do Descobrimento (região "nascida" no dia 22 de abril deste ano em Porto Seguro, por meio de um decreto assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso) é maior do que sua cidade-sede. Ao todo, são 1,2 mil quilômetros quadrados de "acervo", desde a Ponta do Imbaçuaba, município de Prado, até o Rio João de Tiba, em Santa Cruz de Cabrália.

É provavelmente o maior espaço físico do mundo a levar a denominação de museu, e também o mais aprazível. Sol o ano todo, luaus intermináveis madrugada afora — ainda sob o signo da dança da garrafa — e hospitalidade. O museu foi uma idéia surgida na cabeça do pessoal da Vila de Trancoso, uma parcela bastante expressiva do PIB nacional que mantém seus pequenos paraísos particulares na região.

Nudismo — Assim, quando você estiver peladão andando pela Praia de Itapororoca, em Trancoso — o mais agitado point de nudismo de todo o sul da Bahia atualmente —, você pode dizer com certeza que aquela garota fazendo topless é uma "peça de museu". Brincadeiras à parte, o museu engloba 52 quilômetros de praias e mata atlântica, uma região que, em dias normais, tem apenas 25 mil habitantes, entre eles somente 1,8 mil índios pataxós.

É quase nada perto do que havia de tupiniquim e tupinambá na época do descobrimento, mas é um bocado de índio aculturado morando na região, a maioria na grande favela que é hoje a Coroa Vermelha — local onde foi rezada a primeira missa no Brasil.

Aliás, o termo "descobrimento" é fortemente contestado por antropólogos e historiadores, sob a acusação de ser "etnocêntrico" e equivocado. Afinal, o Brasil já era dos índios muito antes da portuguesada desembarcar aqui.

Niemeyer — À parte as discussões politicamente corretas, o fato é que toda a região está em polvorosa. Logo devem começar na Coroa Vermelha as obras do chamado Memorial do Encontro, o principal conjunto memorialístico do projeto. Aí também há alguma controvérsia: a obra mais cara do museu, o marco projetado por Oscar Niemeyer, não estará no Memorial do Encontro da Coroa Vermelha, mas a muitos quilômetros dali, no meio do mato, às margens de uma rodovia. "O Oscar não está muito satisfeito", disse Wilson Reis Netto, arquiteto que projetou o memorial.

PROJETO INCLUI RÉPLICAS DE CARAVELAS

Desencontro — O Memorial do Encontro vai colocar o visitante num cenário que inclui réplicas de caravelas ao redor de um deck de madeira erguido sobre o mar e três museus. Até agora, o mais concreto sobre ele é que três ministérios — Cultura, Meio Ambiente e Justiça — se preparam para vencer procedimentos burocráticos e conseguir verbas para torná-lo realidade. Vai custar cerca R$ 5 milhões e é o grande chamariz da região para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, no ano 2000.

Já o acervo natural da mata atlântica do Monte Pascoal, no entanto, não está mais tão intocado quanto imagina Roberto Costa Pinho, presidente da Fundação Quadrilátero do Descobrimento — a organização não-governamental que bolou a idéia e que passa a gerir o museu. Pinho diz que a área mantém 80% das características descritas na carta de Pero Vaz de Caminha. O desmatamento, no entanto, abre grandes clareiras nas reservas da região, sob os olhos estupefatos do Ibama.

Funai — Os índios aculturados da Coroa Vermelha deverão ser removidos da área, e isso pode até ser bom para eles, já que vivem hoje em condições precárias do comércio de artesanato na vila. É para cuidar da remoção desses índios que a fundação se viu obrigada a incluir o Ministério da Justiça no processo (leia-se Funai).

Para demonstrar boa vontade, a Funai trouxe, em abril, índios tupi-guaranis de Goiás para a cerimônia de assinatura do decreto da criação do museu. "Queriam que a gente visse nossa terra como ficou", disse o índio Araribóia, que emendou, ainda pálido: "Foi a primeira vez que andei de avião e fiquei com medo de cair, igual caiu o avião dos Mamonas Assassinas".

POLÊMICA ENVOLVE MARCO DE NIEMEYER

Viagem — Há também alguns lances delirantes no projeto, como a intenção de colocar no mar, a 35 metros de profundidade, o chamado Portal do Avistamento, uma trave de concreto na superfície do mar, de onde o viajante teria a visão que os portugueses tiveram pela primeira vez das terras brasileiras. Especialistas consideram essa obra impraticável tecnicamente, além de muito cara.

O Museu Aberto do Descobrimento é fruto do chamado "lobby Trancoso", com adesão de grande parte da intelectualidade baiana: Gilberto Gil e Gal Costa, por exemplo, fazem parte da Fundação Quadrilátero do Descobrimento.

Tudo surgiu a partir de idéias e reuniões dos moradores daquela cidade como uma forma de frear o crescimento rápido e desordenado da região. "O museu é criado para que o Brasil possa comemorar condignamente o ano 2000", disse o senador Antônio Carlos Magalhães, que apóia o projeto com o governo da Bahia.

Vidal Cavalcante/AE

Vidal Cavalcante/AE

Pataxós na praia de Coroa Vermelha: local onde foi celebrada a primeira missa dos portugueses no Brasil agora mais parece um favelão; projeto do Museu Aberto do Descobrimento, que tem participação de três ministérios e da Funai, prevê a remoção dos índios, o que pode contribuir para melhorar sua qualidade de vida